

AROLDO DE AZEVEDO: UM GEÓGRAFO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Sandra Lencioni**

RESUMO

A historiografia do pensamento geográfico brasileiro tem em Aroldo de Azevedo uma referência importante, a qual deve ser resgatada para que possamos compreender melhor nossos caminhos e opções. Aroldo de Azevedo foi professor da Universidade de São Paulo e sua história se mescla com a da AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção São Paulo - e do BPG - Boletim Paulista de Geografia. Seu mestre foi Pierre Monbeig e sua formação teve grande influência da geografia francesa. Foi sob essa ótica que pesquisou e ensinou geografia. Decorre dessa influência a grande ênfase que ele dava ao trabalho de campo, à representação cartográfica e à dimensão histórica nos estudos geográficos.

Palavras-chave: Aroldo de Azevedo - história do pensamento geográfico - Universidade de São Paulo.

ABSTRACT

The history of geographical thought in Brazil has Aroldo de Azevedo an important reference, which must be rescued so that we can better understand our ways and options. Aroldo de Azevedo was a professor at the University of Sao Paulo and his history is merged with the first decades of the AGB - Association of Brazilian Geographers, São Paulo Section - and BPG - Bulletin of Geography Paulista. His master was Pierre Monbeig and his

* Profa. Titular do Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: selencion@usp.br.

academic formation had great influence of French geography. It was in this influence that he has researched and taught geography. It explains the great emphasis that he gave to the fieldwork, the cartographic representation and the historical dimension in geographic studies.

Keywords: Aroldo de Azevedo, history of geographical thought, University of St. Paul.

Os céus de São Paulo jamais seriam o mesmo. O Zepellin sobrevoando a cidade quase a fez parar e a inauguração do Aeroporto de Congonhas, na época considerado muito distante da cidade, trazia uma sonoridade nova na vida urbana. Era o ano de 1936, importante nem tanto por esses feitos, mas por ser o ano em que se realizou o projeto de Mario de Andrade de criação de uma biblioteca pública infantil: a Monteiro Lobato¹.

Nesse ano, adentrando o edifício da Alameda Gleite, que abrigava a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, *célula mater* da Universidade de São Paulo, um jovem bacharel em direito, Aroldo de Azevedo, iniciava o curso de geografia. Era o começo da USP, uma universidade que teve origem na iniciativa corajosa de um grupo de intelectuais paulistas liderados por Júlio de Mesquita Filho e Fernando de Azevedo, e que surgiu numa atmosfera de superação dos embates e dificuldades criados desde a Revolução de 32.

Uma universidade fundada segundo os princípios humboldtianos, que não separa a docência e a atividade de pesquisa, e segundo os princípios napoleônicos que entendem a universidade como formadora de quadros intelectuais para o país. Uma universidade que tem origem em 1934, com a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e a reunião de algumas

¹ A Biblioteca Municipal Monteiro Lobato localiza-se na Vila Buarque, sendo a pioneira das bibliotecas infantis da cidade.

escolas já existentes, como a Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiros, a Academia de Direito e a Escola Politécnica.

Tinha 26 anos esse rapaz oriundo de tradicional família do Vale do Paraíba paulista e neto do barão de Santa Eulália². Seu avô, agro-pecuarista, havia sido promotor e vice-presidente da Província de São Paulo e seu pai, também promotor, foi deputado federal e Senador na Primeira República.

Aos 21 anos, seguindo a tradição da família, Aroldo de Azevedo já é advogado. Formou-se na Academia de Direito, que havia sido criada em 1827 e que se incorporaria mais tarde à Universidade de São Paulo, quando de sua fundação. Egresso de uma escola centenária, passa a freqüentar uma Faculdade que dava seus primeiros passos, uma Faculdade que tinha apenas dois anos de vida e onde esse jovem educado segundo os cânones de sua classe social da elite intelectual da época ensinaria e pesquisaria em geografia.

Naqueles idos, ter uma profissão e freqüentar a Faculdade de Filosofia não era exceção à regra para jovens dessa classe social. Alguns advogados, como Aroldo de Azevedo, assim como alguns engenheiros e médicos, freqüentavam a Faculdade em busca de satisfação intelectual ou procurando complementar sua segunda formação, já que alguns eram professores autodidatas do ensino médio.

O nível cultural dos estudantes era elevado, muitos professores eram estrangeiros e o português nem sempre era a língua mais falada. Logo a Faculdade se tornou um centro destacado no cenário cultural e científico brasileiro e passou a se fazer presente, ao lado da tradicional atuação dos professores da Faculdade de Direito, na vida política do país.

Aroldo de Azevedo formou-se em 1939 e no ano seguinte, aos 30 anos, passou a compor o quadro docente da Faculdade.

² Aroldo de Azevedo nasceu em Lorena no dia 3 de março de 1910, seu pai foi Arnolfo Rodrigues de Azevedo e seu avô Antonio Rodrigues de Azevedo Ferreira.

Naqueles idos, onde os alunos eram obrigados a frequentar as aulas de terno e gravata e eram chamados de Senhor pelos professores, em geral mais pelo sobrenome do que pelo primeiro nome, Aroldo de Azevedo surgia como liderança no campo da geografia. Liderança essa expressa no seu trabalho docente e de pesquisa e, também, como autor de livros didáticos que marcaram várias gerações³. Grande parte dos jovens das décadas de 1950 e 1960 se formou à luz dos seus livros. Para se ter uma ideia da dimensão dessa importância, basta ver que de 1936 até o ano de 1975, ou seja, por um período de 39 anos, um único livro “O mundo que nos rodeia”, voltado para a hoje denominada 5ª série, vendeu mais de 12 milhões de exemplares. (CONTI: 1976)

De 1940 a 1967, anos em que Aroldo de Azevedo esteve na USP, seu lugar de trabalho não foi o *campus* da cidade universitária, mas, em grande parte, o histórico prédio da rua Maria Antônia, número 258, que passou a abrigar a Faculdade em 1947. Até então, a Secção de História e Geografia e as demais secções da Faculdade, permaneceram dispersas em vários locais da cidade, contrariando a intenção expressa no ato de fundação da Faculdade que era a de reunir suas partes, seus fragmentos, num único prédio com o objetivo de propiciar um bom ambiente para a vida universitária.

De 1934 a 1938 a Seção de Geografia e História foi abrigada em andar do atual prédio da Faculdade de Medicina, na Avenida Dr. Arnaldo, em Pinheiros, tendo passado, ainda em 1938, para o

³ Seria pouco preciso dizer que Aroldo de Azevedo foi professor do Departamento de Geografia. Sua vida profissional se transcorreu numa Faculdade com outra estrutura administrativa. Até 1969, não se tratava de Departamento da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, mas de uma Secção de Geografia e História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. As mudanças vieram no rastro do movimento estudantil de 1968, quando, então, a Faculdade se reestruturou, significando, dentre várias mudanças, seu desmembramento e a criação de vários institutos, a exemplo do Instituto de Biologia, Instituto de Física e ficando a Faculdade restrita às áreas de filosofia, letras e ciências humanas sob a nova denominação: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

terceiro andar da Escola Caetano de Campos, localizada na Praça da República, no centro da cidade. O prédio da Alameda Gleite, nos Campos Elíseos, também acolheu a geografia. Não havia um edifício específico para a Secção de História e Geografia, mas havia o que é a alma de uma escola: professores com formação primorosa e alunos cuja motivação era a construção de uma identidade pelo conhecimento.

As décadas de 1940, 1950 e 1960 foram décadas de muitas mudanças. Do local hoje denominado de Antiga Reitoria, na Cidade Universitária que então estava sendo construída, a Geografia foi transferida, em 1960, para o prédio atual da Geografia e História, um dos primeiros na edificação da Cidade Universitária que, com sua arquitetura moderna e grandes dimensões, no topo de uma colina, destaca-se na paisagem.

Essas décadas foram de grande influência da geografia francesa, que era quase hegemônica e os professores eram ungidos num saber clássico. A chegada dos anos 60, com seus projetos de mudança social e seus sonhos de um mundo melhor, revolucionaram a Geografia, a Faculdade e a própria USP. Tendo se aposentado em 1967, Aroldo de Azevedo não viveu essa grande transformação. Em 1969, na esteira da irrupção dos estudantes de 1968, a Faculdade foi organicamente desmembrada, tendo deixado de ser Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para ser Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Botânica, Geologia, Matemática e outros departamentos assumiam vida própria.

Aroldo de Azevedo também não viveu o fim das cátedras e o fim de um olhar praticamente único em direção à França. Os olhares passaram a se voltar para outras fronteiras, em particular, para os Estados Unidos. Também não viu surgirem as disciplinas semestrais e a instalação dos créditos por disciplina, nem viveu a experiência da pós-graduação nos moldes de um curso, como é atualmente, desde a data de 1971. Muito menos, as Listas Negras e as aposentadorias compulsórias, formas de veto do Estado às vozes discordantes do regime militar. Todas

essas alterações, vale dizer, se deram concomitantemente à mais escancarada repressão que, apesar de cruel, não minou, mas apenas amordaçou com os exílios e com os açaimos impostos aos professores e alunos, o espírito crítico da Faculdade.

Viveu numa cidade que crescia espantosamente e onde novas artérias de circulação eram construídas buscando maior fluidez no trânsito na cidade, busca incessante, desde então, que não consegue superar o congestionamento da cidade. Viveu numa cidade onde o bonde cedeu lugar ao automóvel, numa nova lógica de transportes do país voltada para os interesses da indústria automobilística que começou a ser instalada em 1956 nas franjas da cidade, ao lado das novas instalações industriais que se expandiam para os municípios próximos do centro metropolitano. Viu a cidade se alongar para a periferia, observou a crescente crise de habitação e a intensa migração de brasileiros a procura de emprego e da terra prometida e foi testemunha da “São Paulo da garoa”.

Aroldo de Azevedo era um homem conservador e em 1964 quem passasse pela Praça da Sé no dia 19 de março ou olhasse as fotos dos jornais do dia seguinte podia vê-lo à frente na “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”. Um homem da elite se misturava à multidão, aos estratos da classe média que saíam à rua temerosos do “perigo comunista”. Era, de fato, um homem conservador, mas, mais que isso, era um homem de desafios e, por isso, provocador. Ao encontrar no longo corredor do prédio de Geografia e História, ou na área do café o historiador Edgard Carone que dedicou sua vida intelectual à pesquisa do movimento operário brasileiro, era, muitas vezes, bastante desafiante e insultuoso. Voltava-se para Edgard Carone sem deixar de lhe escapar a oportunidade do exercício da provocação, perguntava ao historiador: E a Rússia? E o comunismo? Não é de se estranhar que em depoimento de Edgard Carone a referência a Aroldo de Azevedo não tenha sido das melhores, tendo ajuizado que Aroldo de Azevedo era um homem reacionário e ligado à igreja. (BUONICORE: 2006)

AROLD DE AZEVEDO E A GEOGRAFIA

Sua formação geográfica era francesa e possibilista e, sob essa ótica, é que pesquisou e ensinou geografia. É compreensível, assim, que as distinções tão excludentes de hoje em dia que separa nitidamente os geógrafos voltados para a geografia humana e os geógrafos voltados para a geografia física não se aplique a Aroldo de Azevedo.

No final da vida, seu último trabalho foi sobre esta mesma geografia francesa que marca sua formação, como a registrar a influência dos principais geógrafos franceses sobre sua própria visão a respeito da geografia e, de certa forma, justificar sua trajetória. No dia em que enviou esse texto para publicação, faleceu repentinamente. Fechava-se um ciclo de vida, mas não seu pensamento que viveria por muitos anos e que hoje nos motiva a falar sobre ele.

Sua formação no âmbito da geografia francesa é que fez com que também valorizasse o trabalho de campo, a representação cartográfica e a dimensão histórica nos estudos geográficos. Tanto que foi pioneiro nos estudos que denominamos hoje de Geografia Histórica, que era chamada de Geografia Retrospectiva e que não dispensava uma rigorosa análise da relação do homem com o meio como elemento fundamental para a compreensão da gênese dos lugares. Com a tese, em 1945, chamada: “Os Subúrbios Orientais da Cidade de São Paulo”, concorreu à cátedra de Geografia do Brasil. Para elaborar sua tese, Aroldo de Azevedo pesquisou os aspectos geográficos e históricos da região que fica entre a Penha (rio Aricanduva) e Poá (rio Guaió). Consta que ele percorreu a área diversas vezes ouvindo os habitantes, registrando episódios importantes e fotografando os lugares.

Aos seus trabalhos de Geografia Urbana ou de Geografia Política, por exemplo, juntam-se os trabalhos de Geografia Física. Inclusive, convém assinalar, que foi Aroldo de Azevedo quem elaborou, nos anos 40, a primeira classificação das unidades de relevo do Brasil que viria a se tornar dominante. Essa classificação

perdurou hegemônica por 18 anos, cedendo esse lugar de destaque às propostas elaboradas por Aziz Ab'Sáber e, mais recentemente, à de Jurandyr Ross, ambos do Departamento de Geografia da mesma universidade.

Suas publicações de cunho acadêmico são várias e a listagem de títulos é grande. A escolha, nesse texto, é por destacar quatro obras, não só pela relevância do seu conteúdo, mas, sobretudo porque são obras dirigidas por ele que atestam a sua capacidade de integrar facetas de um determinado tema envolvendo vários autores. Capacidade esta pouco presente nas inúmeras obras atuais nas quais se reúnem vários textos de diferentes autores que não passam de uma verdadeira somatória de textos que, mesmo interessantes e importantes para o conhecimento, são desintegrados entre si revelando a ausência de um plano comum e integrado metodologicamente, situando-se apenas no nível da composição temática.

A sabedoria na incorporação de cada elemento do conjunto de uma obra não se constitui num texto em si, muito embora fale por si mesma e permita olhar além das linhas. De certa forma, a construção de uma obra coletiva é como a construção de uma casa, requer um projeto de integração entre as partes, guardando a independência de cada parte. As três obras que queremos destacar é: “A Cidade de São Paulo. Estudos de Geografia Urbana”. Essa obra, em quatro volumes, editada em 1956, é ainda a melhor obra coletiva sobre São Paulo e foi editada pela Companhia Nacional do Livro. Cabe destacar que essa obra recebeu o Prêmio Jabuti conferido pela Câmara do Livro de São Paulo, em 1956.

Uma segunda obra coletiva a mencionar é “Brasil, a Terra e o Homem”, também editada pela Companhia Nacional do Livro, em 1964. A terceira, “A Baixada Santista. Aspectos Geográficos”, em quatro volumes, editada pela Editora da Universidade de São Paulo, naquele mesmo ano. A quarta, “Geografia do Brasil. Bases físicas, vida humana e vida econômica”, editada pela Companhia Nacional do Livro, de 1969.

Quando se aposentou, em 1967, os temas: industrialização, urbanização e centralização estavam se consagrando, bem como as discussões sobre polarização e área de influência de uma cidade. A relação entre a geografia e o planejamento urbano e regional era a voga do momento. Também se consagrava a Nova Geografia, que se definia como a ciência do espacial, ficando as particularidades dos lugares relegadas a segundo plano, mas essa abordagem pouco espaço teve na USP devido à forte influência francesa e a perspectiva histórica dos trabalhos geográficos. Essa Nova Geografia, também chamada geografia quantitativa embora tenha aparecido como um movimento renovador, influenciou mais a produção geográfica do IBGE e da Geografia de Rio Claro, ficando praticamente à margem do fazer geográfico da USP. A grande revolução da geografia viria poucos anos mais tarde com a geografia fundada nos fundamentos marxistas. De certa forma, os anseios de mudança existiam e, não sendo satisfeitos pela Nova Geografia, os foram pela influência do pensamento marxista que, como um pensamento revolucionário, produziu profundas mudanças que fizeram avançar teórica e metodologicamente a geografia. No entanto, também colocou a geografia física no ostracismo e a geografia clássica no banco dos réus. Como toda revolução, esta também significou ruptura e mudanças.

Aroldo de Azevedo não viveu essa revolução e não viveu a experiência de muitos de sua geração que se surpreenderam com a força da denominada geografia radical. Uma geografia que introduziu temas novos objetivando discutir as mazelas do capitalismo e se comprometendo com a busca de alternativas para a sociedade capitalista. Uma geografia crítica da sociedade capitalista e vista a partir da sociedade capitalista, o que permite compreender porque ela era tão diferente da geografia que se fazia na ex União Soviética, onde a geografia não desempenhava o papel de crítica da sociedade capitalista, já que essa era uma sociedade socialista.

Membro ativo da AGB - Associação dos Geógrafos Brasileiros - foi seu sócio fundador junto com seu mestre Pierre Monbeig,

tendo participado ativamente na entidade, quer promovendo eventos, encontros culturais ou dinamizando a publicação do Boletim Paulista de Geografia, da qual foi diretor no período compreendido de 1949 a 1961. Sua atuação na expansão da AGB foi imprescindível para a criação das secções locais ocorridas após 1945 devido às mudanças na estrutura dessa associação.

Até o ano de sua aposentadoria, em 1967, compartilhou com alguns poucos, a liderança do Departamento, tendo sido um verdadeiro líder conjugando respeito e reconhecimento. Seu repentino falecimento, em 1974, ocorreu, como dissemos, no contexto de uma verdadeira revolução teórica e metodológica na geografia, não desvinculada da busca por mudanças sociais e que fez surgir novas lideranças, o que explica que seu passamento não tenha causado comoção, mas profundo desgosto.

O REVIVER DA MEMÓRIA

Aroldo de Azevedo não era uma figura controvertida, tanto que os depoimentos de seus ex-alunos, mesmo com visões de mundo distintas, pouco variam. A título de exemplo, transcrevemos alguns trechos de depoimentos prestados pelos professores José Bueno Conti, Francisco Capuano Scarlato e Mario De Biasi, todos do Departamento de Geografia. Essa entrevista ocorreu em de novembro de 2006, pela manhã, e deixou pairando no ar lembranças de um tempo não tão distante cronologicamente, mas bastante distante em relação ao presente da geografia que vivemos nos dias atuais. Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a esses meus colegas do Departamento de Geografia, que gentilmente, forneceram a entrevista que esclareceu muitas dúvidas e nos permitiu compreender melhor Aroldo de Azevedo. Esses trechos finalizam o texto, registram aspectos da vida vivida e a forma coloquial dá um pouco a idéia do espírito presente na manhã daquele dia.

José Bueno Conti. Quando entrei aqui no Departamento de Geografia, o único professor que eu sabia que existia era o Aroldo de Azevedo por causa dos livros didáticos. Minha expectativa era conhecer o Aroldo de Azevedo, mas só fui conhecê-lo no segundo ano... na Geografia do Brasil. Eu gostava do estilo dele. Não nego: ele tinha um viés conservador e por causa disso a memória dele é muito discriminada, mas como eu tenho esse perfil, eu gostava dele. Deu um curso sobre a Geografia Econômica do Brasil, um curso sobre a Cidade do Rio de Janeiro...

Francisco Capuano Scarlato. Seu livro de geografia física do primeiro colegial é um testemunho do nível do nível da geografia que se ensinava na época... era de uma profundidade! Demartonne, os grandes clássicos da Geografia se ensina no colegial. Eu aprendi climatologia - sinceramente, quando eu comecei a fazer o curso Geografia aqui tinha horas que eu tive que ir ao livro de Aroldo, tinha hora que eu ia no livro do Aroldo para poder entender os conceitos e a metodologia da geografia física.... Um dos grandes livros dele é o de Geografia Regional do Brasil e eu não via no Aroldo essa dicotomia entre Geografia Física e Humana... Uma geografia da perspectiva da época e, claro, não era uma geografia da perspectiva dialética.

José Bueno Conti. Ele estimulava a produção de livros didáticos entre os colegas, mas recebia críticas por fazer livros didáticos, no sentido de que muitos colegas diziam: - O que Aroldo fez? Ele fez foi livro didático. Quando havia um concurso punha a biblioteca dele à disposição dos colegas. Foi ele quem fez carta para Max Derruaux, para minha ida para Clemont Ferrand.

José Bueno Conti. Ele introduziu, aqui, os estudos dirigidos e quem ajudava era a Diva Beltrão de Medeiros (uma espécie de assistente). Ele determinava um tema, distribuía textos em sala de aula e propunha questões e os alunos eram orientados por Diva. Isso nos treinava para dar aulas, interpretar mapas... Me deixou impressão positiva, esses estudos.

Francisco Capuano Scarlato. Eu entrei aqui em 63 e fui cooptado politicamente. Tinha um grupo da esquerda radical e você imagine, já no primeiro ano já fui eleito como presidente do centrinho. Hoje eu abri mão dos meus radicalismos. Eu via o Aroldo de Azevedo como uma figura da reação, mais que um conservador, uma personalidade forte... Ele era de uma discricção muito grande e em sala de aula nunca o vi ter uma atitude antiética. O que me impressionava muito no Aroldo era o seu perfil, a personalidade dele. Ele controlava o Departamento mesmo, ele era duro, mas não tinha ranço agressivo.

Mário De Biasi. Eu fiz agrimensura. Eu era vendedor autônomo e tinha facilidade em desenho... Eu terminei a faculdade em 63, quando o Scarlato entrou... Quando foi em dezembro de 1964 o departamento recebeu uma verba para contratar docentes... Eu era, além de vendedor, professor. Eu estava lecionando no Caetano de Campos à noite. A minha vinda aqui ao Departamento eu devo ao professor Aroldo de Azevedo e ao Ari França e quando eu fui chamado para a cartografia pelo professor Ari eu perguntei: não há mais ninguém? Não, por unanimidade, você foi o indicado. E eu perguntei: não é uma questão política? Não. É competência.

Sandra Lencioni. Obrigada Scarlato. E, obrigada a vocês que foram meus professores: José Bueno Conti e Mário De Biasi.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Aroldo de. A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1958.

AZEVEDO, Aroldo de (org.) Brasil, a terra e o homem. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

Boletim Paulista de Geografia, Associação dos Geógrafos Brasileiros. Secção São Paulo, vários números.

BUONICORE, Augusto Cesar. Edgard Carone 1923-2003. Disponível

em :<http://www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/hemeroteca/pri/pri68/pri68_15.pdf >. Acesso em 10/12/2006.

COHN, Gabriel. A Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Informativo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP, São Paulo, n. 24, p. 3-4, mar. 2006.

CONTI, José Bueno. Aroldo de Azevedo. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, AGB, n. 50, p. 31-35, 1976.

LEMOS, Amália Inês Geraiges de. O departamento de geografia: sua vida, sua trajetória. São Paulo: FFLCH/USP, 2006, v. 1, p. 114-122.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. Depoimento de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro sobre os 70 anos da FFLCH. São Paulo: FFLCH/USP, 2006, v. 1, p. 198-202.